

“Céu aberto sobre Lisboa”. A escritora Annemarie Schwarzenbach em Portugal em 1941 e 1942⁽¹⁾

Gonçalo Vilas-Boas

Resumo

Neste artigo analiso os textos que a escritora suíça Annemarie Schwarzenbach escreveu sobre Portugal aquando das suas duas estadias em Lisboa, em 1941 e 1942. São mais de vinte artigos, na sua maioria publicados em jornais helvéticos. Distinguirei entre os artigos de carácter claramente jornalístico e os que são relatos de viagens. Nos primeiros, a autora limita-se à mera informação, focando sobretudo as relações luso-suíças naquela época. Nos segundos, a autora dá voz às suas vivências, às suas emoções, que contrastam com as que teve em diferentes partes do mundo por onde viajou. Vê Portugal através de uma perspectiva muito idílica, chegando ao ponto de louvar o regime de Salazar, apesar de ser uma convicta anti-fascista, como se nota em muitos outros textos e no apoio que sempre deu às actividades de Klaus Mann. Procurarei explicar essa “mudança” de atitude, tendo em conta sobretudo factores de ordem biográfica.

Zusammenfassung

In diesem Artikel behandle ich die Texte, die Annemarie Schwarzenbach über und in Portugal bei ihren Aufenthalten in den Jahren 1941 und 1942 geschrieben hat. Mehr als zwanzig solcher Texte wurden in verschiedenen Zeitungen in der Schweiz veröffentlicht. Die Artikel (veröffentlicht und unveröffentlicht), die für diese Arbeit benutzt wurden, befinden sich im Schweizerischen Literaturarchiv in Bern. Ich werde zwischen Reportagen und Reiseartikeln unterscheiden. In der ersten Gruppe befinden sich Artikel, die rein informativ sind, hauptsächlich über die Beziehungen zwischen Portugal und der Schweiz. In der zweiten haben wir Texte über die subjektiven Erlebnisse der Autorin in Portugal. Man könnte sie teilweise als “Reise-impressionen” bezeichnen. Annemarie Schwarzenbach gibt hier ihre ganz persönlichen Eindrücke von Lissabon und Umgebung wieder, wobei auch ein Blick in das politische Leben des Landes geworfen wird. Einige dieser Texte zeugen von einer sehr subjektiven und poetischen - ja idyllischen - Perspektive. A.S. verbindet hier Geschichte und Gegenwart. In Portugal findet sie eine Harmonie zwischen

⁽¹⁾ Este texto é uma versão abreviada de uma comunicação apresentada no Colóquio “Relações Luso-Suíças através dos séculos”, em 24 e 25 de Novembro de 1995, em Genebra, organizado pelo Centro Português de Cultura e pela sua Directora, a Dr^a Maria Rosa Cassola Ribeiro (*as traduções são de minha autoria*).

beiden Zeitdimensionen. Trotzdem erscheint ein Schimmer von Kritik dort, wo sie über die Armut redet. Ich werde versuchen zu erklären, warum sie das damalige Regime Salazars gelobt hat. Diese Position kontrastiert mit z.B. den amerikanischen Reportagen oder ihrer Haltung dem Nazi-Regime gegenüber. In diesen Texten kann man die Komplexität der "politischen" Haltungen von Annemarie Schwarzenbach besser verstehen.

* * *

Annemarie Schwarzenbach (AS) nasceu em 1908, filha de um grande industrial zuriquense ultra-conservador. A sua personalidade desde cedo se mostrou muito complexa. Doutorou-se em História na Universidade de Zurique, começou logo a interessar-se quer pela escrita ficcional quer pelo jornalismo e pelos relatos de viagens. Em 1930 conheceu Erika e Klaus Mann, filhos de Thomas Mann, que exercerão uma grande influência na sua vida⁽²⁾. Empreendeu várias viagens pelo Médio-Oriente, pela Europa, pela América e, já no final da vida, pela África.

Focarei neste trabalho as reportagens que escreveu aquando das suas estadias em Portugal em 1941 e 1942, enquadradas na escrita não ficcional da autora.

AS não aceitou a postura política pró-alemã da família, tendo sido a única a revoltar-se contra o clã Wille, a família da mãe. Apesar disso, sempre sentiu a necessidade de voltar à casa, mais materna que paterna. Esta divisão da personalidade da escritora perseguiu-la-á até ao fim dos seus dias, consubstanciada nos seus constantes regressos e partidas a Horgen, junto ao lago de Zurique.

A ida para Berlim foi um dos primeiros passos da tentativa de emancipação. O contacto com a cena artística berlinense teve consequências irreversíveis, nomeadamente no foro homo-erótico e no consumo de morfina. A sua vida foi frenética, sempre em fuga, e à procura de algo que nunca encontrou, "à procura do essencial, para o qual não existe nenhum nome" ("Suche nach dem Wesentlichen, für das es keinen Namen gibt" (apud Perret 1995: 135), como ela própria escreveu.

No romance *Das glückliche Tal* diz que recebeu a prenda de uma liberdade terrível. A liberdade que lhe permitia - sendo suíça e sem grandes problemas financeiros - viajar muito sem ser existencialmente tocada pelos difíceis momentos políticos da época. A guerra passou-lhe ao lado, ela viu-a e continuou a sua interminável caminhada, cada vez mais longe da Europa e simultaneamente cada vez mais agarrada a ela.

AS justificou a necessidade de encetar sempre novas viagens, de estar sempre a partir, como um meio de tentar escapar ao destino, como escreveu a Klaus

⁽²⁾ A amizade com Erika e Klaus Mann encontra a sua melhor expressão no volume de correspondência enviada por AS (vd. AS 1993). Infelizmente as cartas que AS recebeu foram queimadas pela família, assim como os seus diários.

Mann (carta de 23.7.1940, AS 1993: 178-9). O ponto de vista nos textos ficcionais e nos relatos sobre o Médio-Oriente é essencialmente exterior, permitindo, no entanto, encontrar um modo adequado de unir o interior do observador e o objecto observado. A realidade surge quase fora da dimensão temporal, a autora/viajante não pára, sempre em direcção ao outro, ao não-presente. A realidade é apreendida fugitivamente. Não há tempo para a análise, um dos aspectos que AS associou à actividade de jornalista, contrapondo-a à intuição, que defendeu como marca da literatura ficcional (vd. Vilas-Boas 1995).

Em 1934, foi a Moscovo com Klaus Mann assistir ao Congresso dos Escritores da URSS. Aqui a reportagem tem uma visão política, ausente da escrita viagística anterior. As reportagens deste período são caracterizadas por uma posição crítica, um olhar complexo (via, por exemplo, os nazis como carrascos e vítimas simultaneamente), que se sobrepõe a uma eventual admiração ou repúdio pelo objecto da reportagem. Em 1936 e 37 viajou pelos Estados Unidos com a fotógrafa Barbara Hamilton-Wright, dando origem a reportagens extremamente críticas sobre alguns aspectos da realidade norte-americana, nomeadamente quanto ao sindicalismo, à pobreza, à exploração capitalista e ao racismo nos estados do sul do país. Estas reportagens tornaram-na bem aceite em meios de esquerda. Em 1938 e 39 esteve de novo na Europa, viajou pela Alemanha nazi, pelos estados bálticos, pela Áustria e Checoslováquia. Escreveu uma série de reportagens, distanciando-se claramente do nacional-socialismo e do fascismo e apoiou as actividades de Klaus Mann.

Entre as viagens fez frequentes curas de desintoxicação. A dependência da morfina (o "atum", como ela lhe chamava frequentemente) afectou-a profundamente; ia-se sentindo cada vez mais insegura e portanto mais dependente. Em 1939 partiu com Ella Maillart⁽³⁾ para o Afeganistão. A guerra apanha-as em Cabul. AS sempre quis combater o fascismo hitleriano, mas nunca teve grande capacidade de tomar decisões, dependendo sempre muito de outros; por isso não sabia bem como se envolver nessa luta. Em 1940 partiu para os EUA, onde esperava o apoio dos Mann. O seu espírito combativo estava mais esmorecido, condicionado por factos da vida pessoal, nomeadamente o azedar das relações com os Mann e o escândalo suscitado pela relação com Margot von Opel, que a levarão a um internamento psiquiátrico e conseqüente expulsão dos EUA. No regresso à Europa, em 1941, passou por Portugal, partindo pouco depois para África, na esperança de trabalhar para o governo de De Gaulle (AS casara-se com o diplomata francês Henri de Clarac, possuindo portanto um passaporte francês). Mais uma vez o sucesso não lhe bateu à porta, pois suspeitaram que ela pudesse ser uma espia. Regressou à Europa no início de 1942, passando de novo por Portugal.

⁽³⁾ Ella Maillart (1903-1997) realizou várias viagens pela Ásia. O relato da viagem que fez com AS ao Afeganistão foi publicado em 1947 com o título *The cruel way* (em alemão *Auf abenteuerlicher Fahrt durch Iran und Afghanistan*, 1948, e *Flüchtige Idylle: Zwei Frauen unterwegs nach Afghanistan*, 1993). AS surge referida no texto de Maillart com o nome de Christina.

O período “português” de AS é extremamente curto, resumindo-se a umas escassas semanas, repartidas por 1941 e 42 (ainda que já em Maio de 1940 tivesse passado por Lisboa, a caminho dos EUA). Em 1941 encontrou em Lisboa Henri Martin, que conhecera em Ancara, e que tomara posse como ministro suíço em 14.2. desse ano. AS escreveu a Ella Maillart em 23.3.41 (4):

Je suis restée à Lisbon [sic] trois semaines, comme par un hasard heureux, mon ami fidèle venait d’arriver comme ministre de Suisse et il me mettait immédiatement en travail: deux articles, l’un sur le ravitaillement de la Suisse par le Portugal, l’autre sur la Croix Rouge au Portugal, ont, comme résultat de ce séjour, paru dans la Neue Zürcher Zeitung.

Quase um ano depois, em 11.1.42, ainda em África, escreveu a Maillart:

Peut-être retournerai-je au Portugal, pour vivre là-bas à la campagne, par exemple chez le peintre Edmond Bille - et pour me mettre en contact avec la mentalité et les problèmes qui nous attendent en Europe.

Regressada do Congo em 30.3.1942, ficou em Lisboa, de onde partiu para Madrid em 23.5. Nessas semanas lisboetas escreveu uma série de artigos sobre Portugal, alguns dos quais chegaram a ser publicados em jornais helvéticos. Era, aliás, intenção de AS tornar-se correspondente desses jornais em Lisboa. O próprio ministro Martin interessou-se pelo caso e numa carta de recomendação ao Dr. Weibel, do jornal *Neue Zürcher Zeitung* (NZZ) pode ler-se:

Je tiens à Vous dire que j’ai été très satisfait de tout ce qu’elle a écrit. Avec son talent de description, son goût pour les problèmes sociaux, son don aigu d’observation, son sens de la politique internationale et son flair dans les interviews.

Nas cartas de 23.6.42 e 7.7., Martin regozijou-se com a ideia de AS poder vir a ser correspondente em Lisboa. Escreveu também à mãe da escritora, louvando as actividades jornalísticas da filha e informando que a apresentou a um grande jornal lisboeta e ao Dr. António Ferro. O próprio Ferro escreveu ao ministro suíço:

Veuillez croire que j’ai été enchanté de recevoir et de connaître Madame Clarac [AS], qui est une personne remarquablement

⁽⁴⁾ As cartas citadas neste trabalho, excepto as escritas aos irmãos Mann, encontram-se no Schweizerisches Literaturarchiv, em Berna. Aproveito aqui para agradecer toda a colaboração que me foi dada naquele arquivo, especialmente ao Sr. Huldrych Gastpar.

intelligente et cultivée [...] Je serai donc ravi de la recevoir à son tour, car je pense que les relations culturelles et touristiques, entre nos deux pays, ne pourrait que s'intensifier par l'intermédiaire d'une collaboratrice aussi distinguée.

AS escreveu a Karl von Schumacher, do semanário *Die Weltwoche*:

Ich sehe daraus, dass Herr Martin, wie übrigens besonders auch Herr Antonio [sic] Ferro, Directeur de la Propagande Nationale, sich lebhaft dafür einsetzen, dass ein Korrespondent der Schweizer Blätter nach Lissabon geschickt wird. Ich würde mich natürlich freuen, wenn die Wahl auf mich fiele.

(Vejo nela [na carta de Martin ao NZZ] que o Sr. Martin, e muito em especial o Sr. António Ferro, director da Propaganda Nacional, se empenham vivamente em que seja enviado um correspondente dos jornais suíços para Lisboa. Ficaria naturalmente muito contente se a escolha recaísse em mim.)

As esperanças eram grandes, pois em 2.9.42 escreve a Klaus Mann, dizendo-lhe que aproximadamente seis semanas depois iria para Lisboa, caso se chegasse a um acordo (AS 1993: 189). Nem que fosse, como ela sugeriu a Schumacher, alternando com Madrid e Rabat, onde estava colocado o marido. Portugal é essencialmente, neste período, um fornecedor de matérias-primas da Suíça, que tinha perdido os seus fornecedores habituais. Assim, se em 1940 aquele país tinha importado de Portugal mercadorias no valor de 16 milhões de francos, em 1941 esse valor subiu para 128 milhões e em 1942 para 141 milhões. A importância de Lisboa para o aprovisionamento levou a Suíça a comprar uma frota de navios perfazendo ca. de 140.000 toneladas (vd. de Fischer, de 1960: 322-3(5)). Por causa dessa importância, a Suíça enviou para Lisboa um comissário dos transportes marítimos e outro dos transportes terrestres. AS fotografa diferentes embarcações sob pavilhão suíço, nomeadamente o "Calanda", a bordo do qual houve uma recepção em 4.5.41 (vd. notícia no DN de 7.5.41). No Arquivo Literário Suíço há mais de 50 negativos seus com este motivo, entre muitas outras fotografias de Lisboa.

Mas que Lisboa é esta, ou melhor, que Lisboa conheceu AS?

Havia a Lisboa ponte de passagem de emigrantes a caminho sobretudo dos EUA, dos que esperavam por um lugar num navio da "American Export Line" (também objecto de fotografias de AS). Havia a Lisboa dos judeus europeus.

⁽⁵⁾ Béat de Fischer, embaixador da Suíça nos anos cinquenta, publicou em 1960 um extenso livro sobre as relações luso-suíças. Curiosamente nele não figura o nome de AS, apesar dos mais de 20 artigos publicados sobre Portugal na imprensa helvética. Tal facto poder-se-á dever à circunstância de o nome de AS não figurar nos relatórios gerais enviados pelo Ministro Martin, contrariamente à presença em Portugal de outros jornalistas daquele país.

E havia também a Lisboa da incerteza, do medo, do desconforto, da penúria. O jornalista Eugen Tillinger escreveu:

Lisboa está esgotada [...]: os hotéis estão superlotados, já se alugam casas de banho e se estendem colchões nos corredores. Os cafés e restaurantes estão a abarrotar (*apud* Martins 1994: 41-2).

Era o paraíso triste, como lhe chamou Saint-Exupéry, onde as pessoas estavam “sem vontade nem tempo para apreciar as vistas” (Martins 1994, 17).

AS tinha agora tempo para apreciar as vistas, não sentia na pele as dificuldades existenciais dos estrangeiros em Lisboa e dos próprios lisboetas. Os textos que escreveu sobre a capital portuguesa contrastam com os de autores a caminho do exílio que passaram por aí a caminho dos EUA, como, por exemplo Alfred Döblin, mas também com as suas reportagens sobre os EUA, que escrevera anos antes.

Torna-se por isso necessário entender este “novo” olhar de AS. Para tal será útil analisarmos alguns dos artigos sobre Portugal (foram publicados mais de 20). Todos os artigos citados encontram-se no Arquivo Literário Suíço, em Berna.

O primeiro artigo, “Die Tätigkeit des Roten Kreuzes in Lissabon”, de Fevereiro de 1941, refere-se às dificuldades da Cruz Vermelha, cuja representação em Lisboa aumentou com o avolumar das actividades bélicas, sobretudo para encaminhar pacotes de comida e roupa oriundos dos EUA e do Canadá para as regiões necessitadas na Europa. Trata-se de um artigo meramente factual, baseado nas informações que lhe foram dadas pela própria Cruz Vermelha.

Mais importante para nós é o artigo “Lissabon. Neues Leben in einer alten Stadt”. Além duma descrição global de Lisboa, das vistas, com as suas ruas empedradas, as escadarias, as igrejas barrocas, as lojas de vinhos, os monumentos, mas também da “brisa marítima, da alegria da luz do sol” (“frische Meerbrise, Heiterkeit des Sonnenlichts”), a articulista não deixou de sentir o papel de Lisboa naquele tempo como a “grande sala de espera da Europa” (“das grosse Wartesaal Europas”). A este propósito, comparou a partida dos barcos de então com a da época das descobertas. Mas todo este frenesim não tirava o carácter à cidade, “à velha e sonhadora Lisboa” (“alte und träumende Lissabon”). Neste artigo, AS une o factual com as suas vivências lisboetas.

No artigo “Offener Himmel über Lissabon” detectamos a mesma estrutura: algumas frases descritivas sobre Lisboa, para depois passar a factos mais objectivos, neste caso, ligados à Suíça e à importância da capital portuguesa para o abastecimento helvético. Seguem-se referências ao céu, à luz suave - motivos recorrentes nas descrições lisboetas de AS - e também ao facto de Portugal viver de costas voltadas para Espanha (“Rücken gegen Spanien”). Não

se pode comparar Lisboa a outras cidades, pois está adormecida (“in Schlaf gesunken”), fora de moda (“altmodisch”). É uma cidade pictórica (“malerisch”). É a capital de um país governado por Salazar, que na sua opinião, não era um ditador, mas aquele que evitou democraticamente a ditadura (“... unter dem demokratischen, jedoch autoritären und weisen Regime von Salazar, den man keinen “Diktator”, sondern eher einen “demokratischen Vermeider der Diktatur” nennen kann”). AS parece não querer responsabilizar-se por esse juízo: a utilização de “man” remete o sujeito dessa valorização para uma voz colectiva anónima. Além disso, marca o seu discurso com aspas, sinalizando que está a citar.

AS tinha uma relação muito positiva com Lisboa. Nenhuma cidade a recebera tão bem, escreveu em “Rückkehr nach Lissabon” (“Von allen Städten, die ich kenne, hat mich, als ich sie zum ersten Mal betrat, keine so gut empfangen wie Lissabon”). Neste artigo, nota-se já uma atitude diferente face aos artigos iniciais sobre aquela cidade: nos primeiros pretendia abordar tudo, notava-se uma sofreguidão por aquele espaço que parecia dar-lhe algo de novo. Agora tem outra relação com o tempo, a descrição dos momentos vividos é mais demorada, pois tinha encontrado nesta buliçosa cidade, neste país de velhos, a calma de que necessitava. Depois da emoção da entrada de barco pelo Tejo, a articulista passa a descrever o entusiasmo ao subir as velhas calçadas, o facto de poder comprar um jornal suíço a um ardina. Isto é, a apropriação subjectiva da cidade ganha um papel importante, ao mesmo tempo que a qualidade literária dos textos aumenta. Estoril e Sintra são dois locais que a entusiasmaram, pois lhe permitiam ser transportada pelo sonho. A guerra só chegava aqui como um eco, ainda que ensurdecedor (“ohrenbetäubend”, como se lê em “Eine Atempause in Estoril”).

Um texto pictoricamente muito belo é aquele que descreve a partida dos bacalhoeiros (“Die Weihe der Schiffe), onde se nota uma grande sensibilidade face ao problema social dos pescadores no tempo em que estavam em terra:

Die meisten kamen freiwillig, weil ihre Taschen leer waren, weil sie des sinnlosen Kreislaufs der Stadt müde, sogar des Geschmacks des Weines, und des frischweissen Brotes, überdrüssig waren.

(A maior parte deles [os marinheiros] vinham de livre vontade, porque os seus bolsos estavam vazios, porque estavam cansados de andar às voltas sem sentido pela cidade, cansados até do sabor do vinho e do pão branco fresco).

Durante a viagem para o Congo a bordo do navio “Colonial”, escreveu alguns artigos sobre São Tomé e a cidade do Funchal (“Funchal”, “Äquator” e “Schiffs-Tagebuch), sobre o que voltará a escrever no ano seguinte (“Kleine Weltreise ...).

Em 1942 regressou a Portugal a bordo do navio “Quanza”, o que lhe permitiu recordar a chegada a Lisboa por via marítima. Enquanto todos queriam virar costas à Europa e mudar de continente, AS queria voltar, ela que desde as suas viagens ao Médio-Oriente sempre se mostrou tão ligada à Europa. “Wiedersehen mit Portugal” é o artigo em que nos deu conta desse reencontro com o velho continente, é o retomar de velhos temas conhecidos, com a calma e o fascínio do reconhecimento: a Lisboa primaveril, o Tejo argênteo (“Silberfläche”). Para AS, a lembrança era algo de muito importante, pois para nos reencontrarmos temos de nos lembrar de algo conhecido, tal como num espelho (“Wir müssen uns, um uns wiederzufinden, an etwas Verwandtes und Vertrautes erinnern, so wie man in einem Spiegel schaut”). Em Portugal encontrou essa memória europeia, que fez com que não se sentisse como uma estranha. Quanto à história de Portugal, é vista quase como um símbolo da vida dos europeus (“fast ein Sinnbild des Lebens der europäischen Menschheit”). Mas enquanto a Europa se ia destruindo, aqui tudo lhe surgia como suave e alegre (“mild”, “fröhlich”). A mesma caracterização adjectival repete-se em “Sonniges, herbes Portugal”. Neste texto, aproveitou a descrição de uma tempestade para tecer mais um louvor ao país. O artigo começa com uma canção de Coimbra, que serve para introduzir a figura do professor de Coimbra, Salazar, chefe de um governo de professores ou de uma ditadura de intelectuais (“Man hat das Regime Dr. Salazars eine Regierung der Professoren, oder eine Diktatur der Intellektuellen genannt, und es sind Ruhmestitel”). Nota-se aqui de novo o refúgio na voz colectiva através da utilização de “man”, um escudar-se numa voz-outra. Uma vez feita esta referência, surge de novo o “idílio” lisboeta e o fado, que lhe transmitia uma “profunda tristeza” (“eine tiefe Trauer”). A suavidade da paisagem contrasta com a vida, por vezes dura, pois os camponeses nunca usufruíram da riqueza do país, nem na época mais gloriosa da história portuguesa. Para eles parecia que o tempo não passara. A paisagem é composta pelos bois, pelo sol, pelas quintas, pelos mercados. O olhar é levado pelo vento a diferentes sítios, aos rebanhos perto de Estoril, ao viaduto, às cidadelas árabes, aos castelos dos reis vindos do Norte para conquistarem Lisboa, à Torre de Belém, às touradas portuguesas. O olhar de AS é solitário e melancólico, e transmite às suas descrições estas características.

A partir de um passeio de autocarro até Albarraque, onde morava o pintor e amigo Edmond Bille, escreveu o artigo “Spaziergang in Portugal”. O texto começa com a descrição do céu, da lua, do mar que a fazia sonhar:

Morgens um sieben Uhr steht die Mondsichel noch über dem
blassen, grauen, träumenden Meer, und der Himmel befreit sich
erst langsam aus dem Mantel der Nachtbläue.

(De manhã, pelas sete horas, a lua em quarto crescente ainda
está sobre o mar pálido, cinzento e sonhador o céu começa
vagarosamente a despir o manto do azul nocturno).

Também aqui parece que entrou num mundo fora do tempo e das fronteiras (“...die Schwelle einer zeitlosen, an keine Grenze gebundenen Welt”). As imagens da alegria dos ventos (“Fröhlichkeit des Windes”) e da calma (“fast feierliche Stille”) voltam a surgir, ao lado do pitoresco, da vida pacífica dos pobres camponeses. Tudo isto leva-a a perguntar-se: “O que é que precisamos para a vida?” (“Was brauchen wir zum Leben?”). Só encontrou esta resposta: “E eu também cantei...” (“Und ich sang auch...”).

Para além destes artigos “impressionistas”, AS escreveu artigos jornalísticos de carácter essencialmente informativo e objectivo, limitando-se a aspectos factuais, por exemplo sobre o sistema de transportes entre Portugal e o seu país de origem, ou ainda sobre a Cruz Vermelha e o movimento de diplomatas em Lisboa. Estes artigos têm um interesse meramente documental e jornalístico.

Surpreendente são os artigos sobre a Mocidade Portuguesa (MP), tendo em conta o passado anti-fascista da autora. Surpreendem pelo tom laudatório, que corresponde aliás aos louvores que já tecera a Salazar em alguns textos. Segundo a articulista, o amor pela juventude era uma virtude de Salazar e a MP testemunhava isso da melhor maneira. No fundo é um espírito humano e cristão que está na base do “estado corporativo” daquele estadista. Em “Die Jugend Portugals” lê-se que Salazar sempre defendeu que a estrutura política devia estar ao serviço da sociedade. Neste estado aparentemente tão humanista, é evidente a importância dada à educação da juventude. Nos discursos de Marcelo Caetano aparece muitas vezes a expressão “hommes de caractère” (a inclusão da citação em francês no texto alemão indicia as fontes utilizadas por AS, nomeadamente material de propaganda; e junta também fotografias cedidas pelo Arquivo Fotográfico da Mocidade Portuguesa). Assim, segundo AS, a MP serve para a formação de homens e mulheres com carácter: preparar cidadãos “responsáveis, com espírito de sacrifício, pensando e agindo solidariamente” (“verantwortlich, opferbereit, solidarisch denkend und handelnd”). Termina com as seguintes palavras, claramente tiradas da fonte: a juventude será digna dos seus dirigentes (“ihrer Führer würdig”). Ideias semelhantes surgem no artigo “Nationale Jugend in Portugal” e em dois artigos não publicados que dedicou à Mocidade Portuguesa Feminina: “Das Beispiel der Weiblichen Jugend in Portugal” e “Junge Portugiesinnen in Uniform”. A MP resulta da “revolução nacional”, baseia-se nas tradições cristãs e históricas do país, enfim um exemplo para outros países. Nestes artigos sobre a MP, pouco mais temos do que a reprodução do discurso oficial, recebido de um modo totalmente acrítico por AS, tal como em relação ao papel de Salazar e Caetano.

Desta passagem pelos artigos de AS sobre Portugal podemos registar duas características principais:

- o entusiasmo pelo Portugal vivido pela autora e que encontra a sua expressão numa aproximação estética, onde o objecto descrito é marcado por uma visão subjectiva, com uma linguagem que por vezes se aproxima do tom encomiástico;

- este entusiasmo transmite-se à sua visão do sistema político, que lhe é transmitido pelo discurso oficial através dos contactos que Martin lhe proporcionou.

Convém notar que AS não falava português, e por isso estava dependente das suas fontes. O curto espaço de tempo em que esteve em Portugal não lhe permitiu questioná-las, nem compará-las com outras a que poderia ter tido acesso numa visita mais prolongada. Martin proporcionou-lhe determinados contactos claramente conotados com o poder.

Porquê esta viragem de AS, uma autora com “um engajamento político à esquerda”, como nota Roger Perret (Perret 1987: 8)? O facto é que AS nunca foi estruturalmente de esquerda, foi muito marcada, isso sim, por um enorme desejo de justiça, por um espírito humanista, por um forte anti-nazismo, mas sem grandes cargas ideológicas. Nos artigos sobre Portugal, ela dá expressão àquilo que observa, entrega-se a fundo com todos os seus sentidos (it. Perret 1987: 10). Mas o pano de fundo, o sistema político do país, é-lhe “emprestado”, fornecido pelo próprio sistema, aparece como uma voz outra metida no meio do seu discurso, nem sempre com marcas de troca de registo. Se compararmos o estilo das passagens mais subjectivas da sua vivência portuguesa, verificamos que estas contrastam com a segura do discurso claramente informativo, que lhe é exterior.

Podem encontrar-se várias hipóteses para responder à questão. Uma delas tem a ver seguramente com a biografia da autora. Ela não consegue perceber que o seu anti-nazismo não pode ser coerente com o louvor ao salazarismo. Isto porque não teve tempo de o compreender, de o ver por trás da máscara que ela própria criou e de que necessitava naquele tempo como defesa. Por outro lado, AS tem agora uma visão diferente daquilo que quer escrever. Como diz a Maillart, em 18.3.1942: “I want [...] to build up in each soul the resistance not only against Fascism, but against all evil and “wrong life” which was brought it upon ..”. AS não percebe que o regime salazarista é também um regime fascista. Dada a sua fragilidade naquele momento, estava receptiva ao discurso idealista que encontrou em Portugal, onde aparentemente ainda reinava a paz, a tolerância, enquanto a Europa se ia destruindo violentamente.

AS queria um lugar de correspondente, sem a ajuda de Martin nunca o conseguiria. Enquanto a esfera de influência dos Mann era forte, ela sentia-se apoiada, protegida. Quando esta esfera se esmorece, ela torna-se mais insegura, precisa do apoio de alguém. Nos EUA, ela tinha-se apoiado em Barbara Wright, em Portugal só tem praticamente Martin e o pintor Bille. Em 1941, estava a sair de uma grave crise, que a levou a ser expulsa dos EUA e precisava de calma para se recompor. Em 1942 continua a procura do que nunca encontrou. Mas com uma outra postura face à vida, após a sua experiência africana. Assim, mascarou Lisboa de idílio, daquilo que ela própria necessitava. Idílio, mesmo

quando observava mais criticamente um ou outro aspecto da realidade portuguesa. A sua crítica centra-se sobretudo na questão dos refugiados em geral, ligando-se deste modo à temática anti-nazi de textos anteriores.

Mas, ao mesmo tempo, sentia a necessidade de escrever, actividade sem a qual não conseguia realizar-se. Por isso, aliava a visão do “apolítico” (o elemento “pictórico” da paisagem), o lado estilístico, à visão objectiva, exterior, útil nas suas pretensões profissionais, e conforme ao que os jornais suíços da época desejavam. Se estes aspectos biográficos - a necessidade de calma, a necessidade de uma máscara, mesmo que provisória, para esconder o medo e a insegurança e a vontade de obter um lugar de correspondente - podem constituir uma razão da sua atitude, não parecem, contudo, constituir os únicos motivos da mudança de atitude da autora.

Charles Linsmayer pergunta-se, referindo-se à experiência africana de AS, se o internamento nos EUA, onde AS foi verdadeiramente mal tratada, não lhe teria deixado profundas marcas, quebrado mesmo a sua personalidade (Linsmayer 1988: 218). Depois do internamento e do distanciamento dos amigos, nomeadamente dos Mann, da recusa da mãe em tê-la na Suíça, dos escândalos e das antigas posições anti-fascistas, ela sentia-se extremamente isolada. A esse facto deve acrescentar-se que se terá mantido “limpa” (i.é, sem drogas) durante o tempo em análise, o que representava simultaneamente uma luta contra si própria. Em 11.1.42, escreveu a Maillart, ainda de África: “Je sais être seule maintenant, et alors retrouver le monde sans perdre les nerfs.” É uma atitude diferente da autora, que deixa de querer fugir permanentemente, que se começa a aceitar a si própria. Ao querer ver os aspectos positivos da alma humana, vê Lisboa através dos seus filtros, como autodefesa, sem se preocupar com os aspectos por trás da máscara, que ela não viu, nem estaria, na altura, possibilitada de ver. A experiência africana fez com que ela redescobrisse uma dimensão divina. A sua nova visão do mundo, mais calma e mais interiorizada, torna-a mais sensível a dimensões que ela apelida de cristãs naquilo que viu e idealizou em Portugal.

Através da escrita, AS realizava-se, mas ao mesmo tempo parecia anular-se, isto é, apagar um dos lados da sua personalidade, que lhe tinha permitido noutras fases da vida ver as coisas de um lado crítico, dentro da complexidade da situação que era objecto da sua observação. Se, por um lado, na esteticização encontramos a “velha” Annemarie, na apreciação política encontramos uma voz que não é a dela, mas as das fontes. Esta “conciliação” de perspectivas e de vozes ter-lhe-ia permitido atingir os objectivos do momento. Mas ao anular o seu lado crítico, via em Portugal uma máscara do paraíso que procurava, não queria destruir essa máscara precária com medo de que o seu frágil edifício se voltasse a desmoronar. Infelizmente a morte, em Novembro de 1942, impossibilitou a realização dos seus desejos. O verdadeiro Portugal, o do outro lado da máscara, esse, ela não teve tempo de descobrir.

Bibliografia

DE FISCHER, B at. 1960. *Dialogue Luso-Suisse. Essai sur les relations Luso-Suisses   travers les si cles*. Lisboa.

LINSMAYER, Charles. 1988. "Leben und Werk Annemarie Schwarzenbachs. Ein tragisches Kapitel Schweizer Literaturgeschichte", in Annemarie Schwarzenbach, *Das Glückliche Tal*. Frauenfeld: Huber (159-224).

PERRET, Roger. 1987. "Annemarie Schwarzenbach", in *Der Alltag* (Zürich), 2/87 (6-16).

PERRET, Roger. 1992. Posf cio do livro de Annemarie Schwarzenbach, *Jenseits von New York. Reportagen und Fotografien. 1936-1938*. Basel: Lenos (159-184).

PERRET, Roger. 1995. "Persien oder die "himmelweite, weltumspannende Fremde", in Annemarie Schwarzenbach, *Tod in Persien*. Basel: Lenos (124-149).

SCHWARZENBACH, Annemarie. 1993. "Wir werden es schon zuwege bringen, das Leben". *Annemarie Schwarzenbach an Erika und Klaus Mann. Briefe 1930-1942* (ed. Uta Fleischmann). Pfaffenweiler: Centaurus.

VILAS-BOAS, Gonçalo. 1995. "Alles ist ein Fortgehen". *Einblicke in Annemarie Schwarzenbachs vorderasiatische Reiseberichte und Erzählungen*, in Anne Fuchs. Theo Harden, *Reisen im Diskurs. Modelle der literarischen Fremderfahrung von den Pilgerberichten bis zur Postmoderne*. Heidelberg: Universitätsverlag C. Winter (343-357).